

O processo de gramaticalização nas preposições

Grammaticalization process on prepositions

Denise Dias Martins¹

RESUMO: Algumas preposições estão em um processo de gramaticalização, especialmente a preposição “de”, que, em muitos casos, não apresenta mais o seu significado lexical tão aparente, evidenciando o seu caráter gramatical de ligação entre termos, sintagmas ou sentenças. Esse processo passa pelo uso metafórico das preposições, que parte de um esquema imagético de espaço, e avança até que, em muitos casos, o sentido original de uma preposição não seja mais reconhecido.

Palavras-chave: Gramaticalização; Preposições; Uso metafórico.

ABSTRACT: Some prepositions are in the process of grammaticalization, especially the preposition "de" (of), which, in general, no longer presents its lexical meaning so apparently, showing its grammatical character of connection between words, phrases or clauses. This process involves the metaphorical use of the prepositions, that starts from a spatial imagination scheme and, in many cases, it advances until the original sense of a preposition is not recognized anymore.

Keywords: Grammaticalization; Prepositions; Metaphorical use.

INTRODUÇÃO

Vários estudos têm afirmado que existe um esvaziamento semântico da preposição no contexto sintático em que aparece ligando um verbo ao seu complemento. (CÂMARA JR., 2002; CANÇADO, 2005; CASTILHO, 2003). Parece bastante plausível para verbos que só admitem uma preposição, sendo que se a trocarmos a sentença torna-se agramatical. Entretanto, alguns verbos admitem mais de uma preposição, apresentando mais de uma regência, e em cada uma delas há uma nuance de significado do verbo. Por exemplo, temos verbos como: contribuir – para, em, com; chegar – em, de; participar – de, em, a. Isso pode indicar que, se existem preposições que cumprem somente um papel gramatical, sem conteúdo semântico, provavelmente não é o que ocorre em todos os casos, já que, com verbos que apresentam mais de uma regência, para cada uma delas há uma acepção diferente, um traço de significado distinto. Minha hipótese é de que a preposição, em muitos casos, ainda

¹ Mestre em Linguística (Semântica) pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Doutoranda em Linguística (Semântica) pela UFSC. Bolsista da CAPES. E-mail: denise3678@gmail.com

contribui na composição do significado do verbo. Analisando sentenças de uso comum e corrente da língua portuguesa no Brasil, pretendo investigar neste trabalho como se dá o comportamento de algumas preposições, procurando mostrar como está o seu processo de gramaticalização e mapeando de que forma isso acontece.

1. EXISTE ESVAZIAMENTO SEMÂNTICO DA PREPOSIÇÃO? A NOÇÃO DE GRAMATICALIZAÇÃO

As gramáticas normativas tratam as preposições como uma classe gramatical que tem a função de ligar dois termos, criando uma relação de subordinação entre o termo regente e o regido. Uma preposição é um termo dependente, que não aparece sozinho no discurso, e se junta a substantivos, adjetivos, verbos e advérbios para marcar as relações gramaticais que eles desempenham no discurso, seja em sintagmas nominais ou até mesmo em orações. (BECHARA, 2003).

Contudo, Ilari *et al.* (2008) contestam esse conceito, considerando-o insatisfatório, pela ocorrência de preposições que ligam sentenças completas a um adjunto, função geralmente desempenhada por conjunções. Os autores dão como exemplo desse fenômeno (p. 625):

- (1) O Palmeiras está vencendo o Corinthians *para* alívio dos palestrinos.
- (2) Não dá para ver coisa nenhuma *com* tanto prédio!

Outra crítica desses autores ao tratamento dado às preposições pelas gramáticas é em relação ao sentido:

[...] uma das falhas das abordagens tradicionais da preposição é a dificuldade de fornecer um tratamento abrangente para cada uma delas, que não se traduza em uma enumeração interminável dos “sentidos” que a preposição assume em seus diferentes usos e contextos. As afirmações a que leva esse tipo de tratamento não são propriamente erradas, mas são, no mais das vezes, óbvias, e tendem a transferir para a preposição elementos de sentido que, de fato, são dados por outras expressões presentes no contexto. (ILARI *et al.*, 2008, p. 626).

Eles acreditam que seja possível ir além desse tratamento, mas com um custo: admitir que os vários sentidos de uma preposição não estão em relação de homonímia, mas de polissemia, quer dizer, que uns devem ser tomados como “extensões de sentido” de outros.

No contexto sintático da preposição que liga um verbo transitivo indireto ao seu complemento, o que as gramáticas tradicionais chamam de regência verbal, estudos têm apontado um esvaziamento do significado da preposição. Nesses casos, ela parece não se constituir mais em um item lexical, exercendo um papel puramente gramatical.

Nas sentenças a seguir, podemos observar que as preposições estão somente ligando o verbo ao seu argumento e que o significado delas praticamente se perdeu, ou que está fundido ao significado do verbo que rege:

- (3) Maria gosta *de* frutas.
- (4) Acabei *de* fazer a limpeza.
- (5) Ele precisa *de* mais dinheiro.
- (6) A secretária atendeu *ao* telefone.
- (7) Pensei *em* você.
- (8) A carta está *para* chegar.
- (9) Pedro simpatizou *com* a ideia.
- (10) Assistimos *ao* filme emocionados.

Nessas sentenças, parece claro que os traços distintivos de sentido (CANÇADO, 2005) são atribuídos pelo verbo e que a preposição é meramente um elemento sintático necessário, mas esvaziado de sentido. Segundo Neeleman (1997), nesses casos há a “seleção de preposições idiomáticas”, pois a preposição é parte inerente ao verbo e escolher outra preposição acarretaria em sentenças agramaticais. Para Cançado (2005), “parece que a preposição está embutida no sentido do verbo e não tem nenhuma relação específica com o sentido da preposição”.

Entretanto, existem verbos que não são regidos por somente uma preposição, exigindo uma preposição diferente para cada acepção que apresenta ou para cada tipo de complemento. Poderíamos listar alguns, como:

- (11) contribuir – para, em, com
- (12) desculpar-se – de, com
- (13) alertar – de, sobre, contra
- (14) apressar-se – a, em, por, para
- (15) mudar – de, para
- (16) reclamar – de, contra
- (17) participar – de, em, a
- (18) cheguei – em, de

As preposições dos exemplos de (3) a (10) – *a, de, com, em e para* – pertencem à classe das preposições que se encontram em um estágio mais avançado de gramaticalização, enquanto que, nos exemplos de (11) a (18), aparecem preposições com um maior conteúdo lexical.

Nota-se que de (11) a (18) existe a possibilidade da combinação do verbo com mais de uma preposição, o que pode nos levar a presumir que a preposição não faz parte do significado do verbo, ou que, pelo menos, para cada distribuição de preposição o verbo carrega traços distintivos de significado. É flagrante a diferença de significado entre *Cheguei em Florianópolis* e *Cheguei de Florianópolis*. Porém, esta sentença causa muitas discussões, pois, para a sintaxe tradicional e mesmo para a gerativa o que temos aqui é um adjunto adverbial, mas, semanticamente, poderíamos argumentar à exaustão que *em Florianópolis* e *de Florianópolis* não são acessórios nas frases. Essa é uma das razões mais fortes para não se considerar a preposição como um “mero instrumento gramatical”, “vazio de sentido”. (ILARI *et al.*, 2008).

Conforme Ilari *et al.* (2008, p. 647), a prova de que as preposições *a, de, com, em* e *para* estão mais gramaticalizadas é que elas são encontradas em um número substancialmente maior de construções sintáticas do que as outras preposições; apenas elas podem “realizar tarefas” mais tipicamente gramaticais, como introduzir argumentos dos verbos; apenas elas podem amalgamar-se com outros elementos de uma sentença, como artigos, pronomes e advérbios de lugar, formando uma única palavra; e o seu conteúdo semântico muitas vezes é de difícil apreensão.

A possibilidade de alternância da preposição que o verbo escolhe para ligá-lo ao seu complemento leva-me a inferir que, nos casos de (11) a (18), a preposição não está embutida no significado do verbo, até por que, para cada preposição com que ele vai se combinar, há traços de significado diferentes, há nuances de significado. Outro acarretamento da escolha de cada preposição é a natureza semântica e categorial do objeto. Talvez pudéssemos supor que em alguns casos, e para alguns verbos, a preposição seja um termo integrante do verbo, e em outros casos, com outros verbos, não.

2. A DEFINIÇÃO DE SENTIDO REFERENCIAL: QUESTÃO DE LOCALIZAÇÃO NO ESPAÇO

Kant postulou que nossa mente se estrutura em conceitos de substância, espaço, tempo e causalidade, que seriam o substrato de nossa experiência consciente. Para Pinker (2008, p. 185 e 269), “a plataforma conceitual que segundo ele (Kant) organiza nossa experiência também é evidente na organização da linguagem”, ou seja, esses conceitos “são o conteúdo semântico dos grandes elementos da sintaxe: substantivo, preposição, tempo verbal, verbo”.

Dessa forma, o espaço seria delimitado na linguagem pelas preposições, com elas nos localizamos e localizamos as coisas em nossa volta. A forma como localizamos os objetos implicaria no processo da mente para individualizá-los e contabilizá-los – massa (substância) e unidade (objeto). Segundo Pinker (2008, p. 212),

uma preposição localiza uma figura em relação a um objeto de referência, e ao fazer isso tem de especificar alguma coisa sobre a forma da figura e alguma coisa sobre a forma do objeto de referência. O tipo mais comum de preposição, como *in* [em, dentro de], *on* [sobre], *near* [perto], e *at* [em], não diz coisa nenhuma sobre a figura que está sendo localizada, tratando-a como um ponto 0-D ou um bloco amorfo. [...]

O objeto de referência, por outro lado, tem de possuir determinada geometria para que a preposição se aplique. *In*, por exemplo, exige uma cavidade em 2-D ou 3-D. *Along* [ao longo de] precisa de um eixo 1-D primário [...]. As descrições reais de coisas no espaço se sustentam na compatibilidade entre a geometria espanador de pó dos objetos e as exigências dimensionais dos termos espaciais.

Em Ilari *et al.* (2008), as preposições também recebem esse tratamento e neste estudo, uma gramática descritiva, é feito um mapeamento dessa espacialidade para várias preposições. A hipótese é de que as nossas percepções das preposições são organizadas em três bases de conhecimento (conforme ILARI *et al.*, p. 649-655):

1. Esquemas imagéticos: de natureza espacial, a partir do nosso corpo, compreenderiam (i) trajeto: de, desde, por, a, para, até, após, atrás; (ii) em cima/em baixo: sobre, sob; (iii) caixa: em; (iv) ligação: com, sem.
2. Modelos cognitivos idealizados: “construções conceituais destinadas a enquadrar situações, um recurso mediante o qual formulamos nossa compreensão do mundo, consolidando as categorias que o descrevem e fixando o semantismo das expressões da língua” (p. 652). A polissemia das preposições e as mudanças de sentido seriam motivadas por esses modelos.
3. A língua como base de conhecimento: A língua fornece um enquadre (que situa) para a transmissão do que se quer comunicar, por meio das preposições. Os autores colocam aqui que, “além da focalização, a escolha da preposição pode alterar a semântica do verbo, conferindo-lhe novas nuances de significado”. É o que ocorre com o verbo *falar* em expressões como “falar *com* X” ou “falar *para* X” (p. 655). Seria ainda a língua que estabeleceria uma extensão metafórica possível para um sentido, no caso das preposições, uma transposição de esquemas, do espacial para o temporal.

A partir do sentido original das preposições, partiríamos para o uso metafórico delas, que seria com duas motivações diferentes: a primeira aparente, na qual ainda poderíamos vislumbrar o significado primitivo da preposição, ou seja, espacial, e perceber como se dá a sua transposição; e a segunda, em que não seria mais possível resgatar o sentido original da preposição, como, por exemplo, em *João gosta de maçã*. O sentido de base das preposições seria reconhecível quando elas expressam as categorias relacionais posição, deslocamento e distância no espaço.

De acordo com Traugott e Heine (1991), a gramaticalização, ou mudança semântica, se dá por inferência pragmática por meio de dois processos: de metáfora, no qual há uma mudança de domínio, que pode ser de espaço para tempo; e de metonímia, em que um termo se ajusta por sofrer pressão de informatividade. Tanto um quanto o outro envolvem uma metáfora de mudança de domínio.

Ilari *et al.* (2008), ainda colocam que a abordagem cognitiva que fazemos das preposições é como “predicadores relacionais” que estabelecem relação entre duas entidades: figura – objeto em foco – e fundo – termo de referência.

3. QUESTÃO DE SENTIDO: LEXICAL OU FUNCIONAL

As palavras e os morfemas de uma língua podem contribuir para o sentido na sentença, as categorias lexicais, ou desempenhar um papel nas relações gramaticais, as categorias funcionais. Littlefield (2006) reconhece que a propriedade mais utilizada para diferenciar as duas é o conteúdo semântico das categorias lexicais, que são as responsáveis pelo conteúdo referencial da sentença, o seu sentido. Os itens lexicais fornecem informações sobre: eventos, caso dos verbos; sobre coisas, os nomes; atributos, adjetivos e advérbios; e a respeito de localizações e trajetórias, as preposições. Os traços lexicais são responsáveis pelo conteúdo nocional e descritivo, ou seja, possuem traços semânticos. Já os itens funcionais estabelecem relações não conceituais, com informações sobre tempo, aspecto, modo, definitude, concordância etc. Eles fornecem essencialmente conectividade à sentença, estabelecendo a ligação entre os termos, o que permite a atribuição de caso.

A morfologia classifica os itens lexicais como pertencentes de uma classe aberta, caso dos nomes e dos verbos, na qual novos itens podem ser adicionados. Em contrapartida, os elementos funcionais fariam parte de uma classe fechada, mais restrita no tocante à adição de novos membros. Nesta classe, estariam as preposições.

Questões sintáticas também podem contribuir para a distinção entre itens lexicais e funcionais, como a presença de um determinante, permitida antes de itens lexicais, mas não de funcionais, e a atribuição de papel temático, capacidade atribuída somente aos elementos lexicais.

Para Miotto, Silva e Lopes (2007), os núcleos lexicais são definidos a partir de dois traços distintivos: [nominal] e [verbal]. Na comparação entre verbos, nomes, adjetivos e preposições, somente as últimas é que tiveram valor negativo para os dois traços, o que as caracteriza como uma classe fechada. Com isso, admitem que a preposição não seja puramente lexical, embora ela tenha a capacidade de selecionar semanticamente seus argumentos, inclusive atribuindo papel temático a eles. No exemplo dado pelos autores, eles colocam uma cena de desmaio *sobre* a mesa, no qual o sintagma *a mesa* é um argumento da preposição, já que não faz parte da grade temática do verbo, isto é, é um adjunto do sintagma verbal. Aqui se deflagra uma das principais dificuldades para se estabelecer a semântica da preposição: devemos analisar separadamente as preposições que introduzem argumentos das que introduzem adjuntos?

Baker (*apud* MÜLLER *et al.*, 2003) defende que todo argumento introduzido por uma preposição está em posição de adjunção, “já que este tem a mesma estrutura sintática e as mesmas propriedades sintáticas; mesmo que este argumento seja obrigatório para o sentido da sentença”. Para afirmar tanto, o autor se apoia fazendo o contraponto com verbos como *comer* e *quebrar*, que a princípio exigiriam um complemento, mas em construções como *João comeu demais* e *O vaso quebrou* o complemento não aparece e a sentença está perfeita. Dessa forma, ele conclui que “ser obrigatório não é condição para ser argumento sintático”, pois temos argumentos cujas realizações sintáticas não são obrigatórias.

Contudo, no manual de Miotto, Silva e Lopes (2007), a distinção entre argumento e adjunto é bem delimitada. O argumento faz parte da grade temática de um item lexical, seja nome, verbo, adjetivo ou preposição, já o adjunto não faz parte. Por exemplo, numa sentença com um elemento adjungido ao sintagma verbal, tal adjunto precisa de uma preposição que o “licenciará”, dando a ele papel temático, já que o verbo não o faz. Entretanto, em um sintagma verbal trivalente (que sintaticamente seleciona um argumento externo e dois internos), um dos argumentos também necessita da preposição, mas nesse caso a preposição somente atribui caso a esse argumento, já que o papel temático é garantido pelo verbo.

Fixar qual seria a valência dos verbos parece ser uma questão bastante complexa. A princípio, consideramos o verbo *comer* como bivalente, já que precisaria de um argumento externo (um agente) e de um argumento interno (um tema). Todavia, podemos ter

perfeitamente a sentença *João comeu demais*. E isso acontece com vários outros verbos. Alguns autores têm defendido que essa questão não é semântica, mas puramente sintática.

É neste ponto que Mioto, Silva e Lopes (2007) diferenciam as preposições lexicais e funcionais: para eles as preposições que ligam verbos aos seus complementos indiretos, em construções bi ou triargumentais, são puramente funcionais. Elas cumprem um papel essencialmente gramatical: o de atribuição de caso. As lexicais são aquelas que licenciam (introduzem, dando papel temático) um adjunto na sentença.

Com verbos que selecionam somente um argumento interno regido de preposição, por exemplo, *Maria precisa de um amigo* (p. 205), os autores classificam como uma idiossincrasia do português, já que o verbo possui um papel temático para seu argumento interno e um caso, o acusativo, mas não consegue atribuir a ele, pois há um sintagma preposicionado que bloqueia a relação de caso. Esse argumento recebe papel temático do verbo e caso da preposição que o rege. Isso também ocorre com o segundo argumento interno de um verbo, como em *Maria colocou os livros na estante*.

Littlefield (2006) coloca que a atribuição de papel temático e de caso para classificar preposições como lexicais ou funcionais não encerra a questão, porque existem preposições que podem desempenhar as duas funções simultaneamente. Para ele, podemos considerar uma categoria intermediária, a semilexical, que seria uma combinação de traços lexicais e funcionais. Como exemplo, Littlefield salienta *in* (em), *under* (debaixo, sob), *with* (com) e *for* (para), que contribuem tanto com informação substantiva quanto com informação gramatical (atribuição de caso). Segundo o autor, esses itens representam preposições semilexicais. Como um item puramente funcional, ele salienta *of* (de), que apenas contribuiria sintaticamente.

4. O SIGNIFICADO DAS PREPOSIÇÕES QUE ENCABEÇAM SINTAGMAS PREPOSICIONADOS COMPLEMENTOS DE SINTAGMAS VERBAIS: UMA PROPOSTA

Há um consenso de que muitas preposições que estão em processo avançado de gramaticalização ligam um VP (*Verbal Phrase*) ao seu complemento preposicionado, um PP

(*Preposition Phrase*). Isso foi demonstrado nos exemplos de (03) a (10) e parece ser o caso com as preposições *de*, *com*, *em* nas sentenças abaixo:

(19) Ana precisa de um carro melhor.

(20) Paulo se acostumou com a ideia.

(21) José ficou em casa para estudar.

O que talvez pudéssemos perguntar é se são realmente essas preposições que estão em um processo de gramaticalização ou se se trata de um fenômeno de incorporação, ou seja, em que o verbo estaria amalgamando a preposição e, sendo assim, com esse verbo e com essa acepção, somente tal preposição seria adequada, a escolha de outra tornaria a sentença agramatical. A favor da segunda opção, conta o fato de que com essas mesmas preposições também podem ocorrer outros verbos que aceitam variação da preposição.

Alguns verbos aceitam mais de uma preposição e para cada combinação o significado muda um pouco, há uma nuance diferente. É o que podemos observar nos exemplos abaixo, sendo que em (22) e (23) a preposição introduz o seu complemento, em (24) um adjunto e em (25) uma sentença reduzida de infinitivo:

(22) a) As reuniões contribuíram para a elaboração do Plano Diretor.

b) As reuniões contribuíram na elaboração do Plano Diretor.

(23) a) A prefeitura alertou a população sobre o maníaco.

b) A prefeitura alertou a população contra o maníaco.

(24) a) Joana se mudou de São Paulo.

b) Joana se mudou para São Paulo.

(25) a) Maria se apressou para sair.

b) Maria se apressou em sair.

Temos acima quatro pares de sentenças quase iguais, a única mudança é a preposição. A pergunta é: O significado é o mesmo em cada par de sentenças? Acredito firmemente que não. Contribuir *para* alguma coisa é bem diferente de contribuir *em* alguma coisa, na primeira a contribuição é indireta e na segunda é direta, é participativa. Alertar alguém *sobre* algo é tomar uma posição mais neutra do que alertar alguém *contra* algo.

É importante observar que se tivermos um verbo mais uma preposição forma-se uma construção gramatical. Se tivermos verbo + x, e x é uma preposição, verbo + y é outra construção, já que a preposição mudou. Pinker (2008) mostra que preposições diferentes levam a construções diferentes, semanticamente diferentes. Por exemplo, *pintar a janela* é uma construção que apresenta um efeito holístico enquanto *pintar na janela* apresenta um efeito não holístico.

Já com o verbo mudar, a mudança é gritante: quem muda *de* algum lugar sai do lugar e quem muda *para* algum lugar chega ao lugar para ficar. Também com o verbo *apressar* a mudança da preposição altera um pouco o significado da sentença.

Essa mudança de significado que ocorre com a mudança da preposição pode ser uma evidência de que ela apresenta, mesmo nesse contexto sintático, um conteúdo nocional e referencial, ou seja, ela apresenta traços lexicais. É claro, pode-se argumentar que o argumento comandado pela preposição faz parte da grade temática do verbo. Ainda assim, é difícil afirmar o contrário, que a mudança da preposição não mudaria em nada o significado da sentença.

Na teoria que Ilari *et al.* (2008) desenvolvem para explicar o significado das preposições, eles colocam que o significado “original” da preposição, de localização espacial, sofre uma metáfora e que por isso muitas vezes não vislumbramos mais seu sentido original. Por exemplo, a preposição *para* teria um sentido de percurso em direção definida, que seria do enunciador para um contêiner, e que, com o uso metafórico que vem tendo, tem exercido a função de atribuir o significado de direção à ação. (LAKOFF; JOHNSON, 2002).

Contudo, a preposição também desempenha a função de dar conectividade à sentença, ligando o verbo ao seu complemento, já que com esses verbos ocorre o fenômeno de bloqueio de uma atribuição direta de caso dentro do sintagma verbal, o caso acusativo. Sendo assim, a

atribuição de caso é feita pela preposição, quer dizer, ela cumpre uma exigência sintática aqui, funcional, gramatical.

Com essas características, podemos afirmar que no contexto sintático de complemento de um VP a preposição pode ter uma interface entre lexical e funcional. Littlefield (2006) atesta essa possibilidade e nomeia um item com essas propriedades como semilexical. O autor descreve um item semilexical como aquele que tem concomitantemente os traços [+ lexical] e [+funcional], o que, como descrito acima, parece ser o caso dessas preposições.

Parsons (1990, p. 47-48), em uma breve menção às preposições, questiona se uma preposição poderia ter como complemento mais de um objeto. Analisando o sintagma “de A para B”, ele pondera se seria o caso de uma preposição complexa que pega dois objetos ou se seria uma combinação de duas preposições, cada qual pegando um único objeto. Ele sugere que a última expõe um fenômeno interessante. Por exemplo:

X corre de A para B → x corre de A & x corre para B

O problema para esta representação é que ela não necessariamente pega o mesmo evento de corrida, pois de que *Maria corre de casa* e *Maria corre para o celeiro* não se segue de que *Maria corre de casa para o celeiro*. Dessa forma, essa representação não seria uma boa opção.

Esse autor propõe que a melhor representação para “de A para B” seria a da teoria dos eventos subjacentes, pois assim não correríamos o risco de ter como um acarretamento indesejável a ambiguidade, ou seja, a possibilidade de não ser o mesmo evento de corrida. Sendo assim, em *Maria correu de casa para o celeiro* teríamos:

(∃e) [Corrida (e) & Agente (e, Maria) & De (e, casa) & Para (e, celeiro)].

A próxima seção constitui-se em um esforço no sentido de tentar visualizar como ocorre, com dados reais, o processo de gramaticalização nas preposições. Este estudo não tem o propósito de ser exaustivo, pelo contrário, será apenas um experimento.

5. METODOLOGIA

No intuito de tentar flagrar esse processo metafórico pelo qual a preposição passa, em que, inicialmente, o seu sentido original, o espacial, era mais evidente, para então deixar de ser tão aparente, nesta seção, farei um esboço de análise de uma preposição. Escolhi a preposição *de*, que é uma das que se apresenta em um processo mais avançado de gramaticalização, pois, como já mencionei, ela pertence à classe das preposições que tem as seguintes características: (i) pode ser encontrada em vários tipos de construções sintáticas; (ii) pode “realizar tarefas” mais tipicamente gramaticais, como introduzir argumentos dos verbos, por exemplo; (iii) pode amalgamar-se com outros elementos de uma sentença, como artigos, pronomes e advérbios de lugar, formando uma única palavra.

Os dados foram capturados em uma matéria sobre cinema, veiculada em uma revista da Editora Abril, chamada *Recreio*. A data da publicação é 31/03/2011.

Há quatro sujeitos que participam da entrevista: o repórter, que entrevista; o diretor do filme; e dois personagens da animação, que são pássaros. Os sujeitos foram identificados por S e um número, e as falas por F e um número, numa sequência.

6. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS E ANÁLISE DOS DADOS

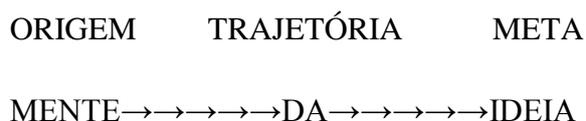
A seguir passarei a apresentar os dados retirados da entrevista e a análise e os comentários propostos.

- (1) Como surgiu a ideia **de** *Rio*? (S1F1)
- (2) Tem ideia **do** quanto isso é perigoso? (S3F2)

O sintagma *surgir uma ideia* pode ser analisado em um esquema imagético de verbo psicológico, no campo semântico de *lembrar-se de*. Ainda é possível remontar o esquema espacial, pois, quando alguém tem a ideia de algo, traz algo de sua mente à tona, ao assunto que se fala no momento. Assim, a preposição *de* estaria desempenhando uma de suas funções mais básicas e mais comuns, a de origem.

Trata-se de um esquema imagético muito simples e até rudimentar, no qual a ideia teve uma origem, que foi a mente, e a preposição *da* é que está traduzindo para a linguagem verbal a trajetória no esquema espacial.

Figura 1 – Esquema espacial da preposição *de* na função de origem.



- (3) Você não sente falta **da** emoção **de** voar? (S1F3)
- (4) Eu sonhava com esse filme há muito tempo e estava cansado **de** ambientes frios (risos). Até levei a equipe para andar **de** helicóptero no Rio e ter ideia **do** que Blu sentiria ao voar. (S2F1)
- (5) Talvez seja melhor mudar **de** assunto. (S1F4)

Aqui temos um bloco dos verbos de movimento e quando temos verbos deste tipo o esquema imagético do percurso com foco no lugar de origem fica bem claro, pois a espacialidade é evidentemente concreta e não metafórica. Em (4), com o verbo *voar* e em (5) com o verbo *andar*, que neste caso também se aplica a um voo, as realizações são concretas, físicas. Já em (6), emprestamos, por assim dizer, a noção de trajeto que temos da nossa experiência corporal de mudança de um lugar físico, mas que agora se aplica a um lugar virtual. Desta forma, fazendo essa reconstrução do percurso, a função da preposição é bem perceptível aqui.

- (6) Que tipo **de** música você gosta **de** ouvir? (S1F7)
- (7) O que você mais gosta no Rio **de** Janeiro? (S1F5)

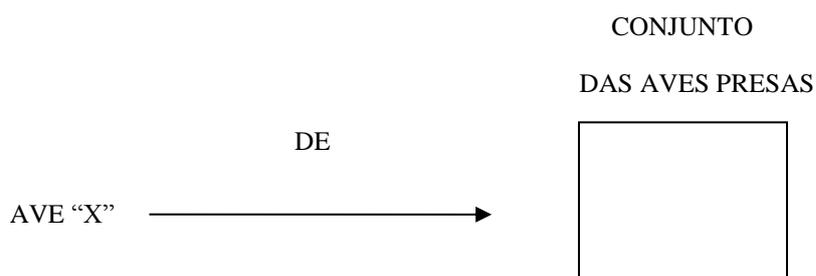
Em (6) e (7) novamente aparecem verbos psicológicos. Sobre eles, Ilari *et al.* (2008, p. 726) afirmam:

O esquema imagético de origem é o que justifica até hoje a preposição *de* que acompanha certos verbos psicológicos indicando o motivo ou causa de um estado de espírito: o caso mais óbvio, pela alta frequência, é o verbo *gostar* (indicando o prazer que se extrai do contato com determinados objetos); mas encontramos aqui também verbos como *depender* (indicando que o locutor percebe uma relação entre dois fatos, um dos quais é considerado como anterior, isto é, como um ponto de partida).

- (8) Você não é **do tipo de** ave que viveria presa? (S1F6)
- (9) Sou mais **do** tipo de ave que anda. (S3F1)
- (10) **Que tipo de** música você gosta **de** ouvir? (S1F7)

As falas S1F6, S1F7 e S3F1 têm dois sintagmas nominais com uma fórmula [do tipo de] que traduzem uma relação parte-todo. São exemplos da preposição *de* em construções partitivas, um tipo de esquema imagético de origem menos óbvio, mas ainda perceptível. Poderíamos pensar em um conjunto de aves que vivem presas e a repórter está perguntando se aquela ave é daquele tipo ou não.

Figura 2 – Esquema espacial da preposição *de* em construções partitivas.



O meio utilizado pela língua portuguesa para formular a relação parte-todo é através da preposição *de* e essa construção é extremamente regular, pois dos “dois sintagmas nominais

que formam a construção SN + de + SN, é sempre o segundo o que indica o todo, ou seja, a origem da extração”. (Ilari et al., 2008, p. 721).

(11) Foi desafiador recriar um desfile **de** Carnaval. (S2F2)

Na relação de nominalização aqui, com o deverbal desfile e o seu complemento Carnaval, reconheço a relação de parentesco que Ilari *et al.* (2008, p. 712) descreve para os deverbais que precisam de um complemento, a exemplo de sintagmas do tipo *chefe da equipe* e *torcedor do Corinthians*. Todos esses sintagmas teriam como características um “substantivo relacional”, isto é, a preposição *de* estaria introduzindo o segundo termo da oração, sendo que o segundo termo teria uma relação de posse ou de abrangência, de pertencimento, em relação ao primeiro.

(12) Tudo! A praia, a música, a comida – sem falar **do** clima! (S4F1)

Ilari *et al.* (2008) refere que a preposição *de* ainda mantém a sua função de indicar assunto, que ela traz desde de suas origens latinas. Nesta sentença, com o verbo *falar*, esse papel fica bem evidente. Neste caso, a minha análise seria similar a dos verbos psicológicos, a do esquema imagético do sintagma *ter uma ideia*, porque associo a buscar alguma coisa que está na mente para o momento presente.

Esses autores (2008, p. 729) pontuam ainda que

há contextos em que a ideia de assunto ligada ao *de* se torna extremamente tênue, a ponto de que da ideia de assunto como alguma coisa que se trata (verbalmente) se passa insensivelmente para o assunto como alguma coisa que vem a propósito de um objeto ou de uma determinada atividade, ou, mais simplesmente, como algo que cabe lembrar, a propósito dessas entidades, algo que lhe associamos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisando as preposições que encabeçam sintagmas preposicionados, é possível verificar que elas, além de cumprir seu papel funcional, gramatical, o de estabelecer a conexão sintática, também têm um papel semântico na sentença.

Verificando que o sentido ‘original’ das preposições seria o de fornecer à linguagem o esquema espacial de localização, retomamos o seu significado, muitas vezes, tido como inexistente, ou incorporado ao significado do verbo. Retomando esse significado é possível dar visibilidade ao processo metafórico através do qual damos o sentido a ela. Esse processo muitas vezes não é aparente e por isso, não reconhecendo mais o sentido, tendemos a achar que a preposição não tem um significado.

Com base nos exemplos descritos, nas ponderações sobre a questão da espacialidade e à luz das considerações de Littlefield (2006), reconhecemos que as características que as preposições possuem nesse contexto sintático dão a elas um estatuto de item semilexical.

A preposição *de*, analisada no experimento, mostrou-se em avançado processo de gramaticalização, sendo que, sintaticamente, comportou-se exatamente como era esperado, aglutinando-se com outros elementos da sentença, realizando tarefas gramaticais e introduzindo argumentos dos verbos e nomes; semanticamente, o esquema imagético espacial muitas vezes ainda é concreto e no caso de ele ser metafórico foi possível refazer o seu percurso, identificando-o.

REFERÊNCIAS

BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerda, 2003.

CAMARA JR., Joaquim Mattoso. **Estrutura da língua portuguesa**. 35 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

CANÇADO, Márcia. Posições argumentais e propriedades semânticas. **DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**. São Paulo, vol. 21, n. 1, 2005.

CASTILHO, Ataliba T. de. **Reflexões sobre a gramaticalização**. Seminário de Estudos Luso-Brasileiros, Universidade de Münster, 2003.

FRANCHI, C. Predicação. Manuscrito publicado em Cançado, M. (Org.) (2003c). Predicação, Relações Semânticas e Papéis Temáticos: Anotações de Carlos Franchi. **Revista de Estudos da Linguagem**, v. 11, no. 2. 1997.

GUERINE, Elaine. Tudo Azul – Viaje por paisagens cariocas com a turma do filme Rio. **Recreio**. São Paulo: Abril, 2012.

GODOY, Luisa. *Preposições e os verbos transitivos indiretos: interface sintaxe-semântica lexical*. Disponível em: <<http://www.abralin.org/revista/rv7n1/03-Luisa-Godoy.pdf>>. Acesso em: 05 set. 2010.

ILARI, Rodolfo *et al.* A preposição. In: ILARI, Rodolfo; NEVES, Maria Helena Moura. (Org.) *Gramática do Português Culto Falado no Brasil - Vol. II. Classes de palavras e processos de construção*. Campinas: Unicamp, 2008.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: Chicago University Press, 1980. Edição brasileira: *Metáforas da vida cotidiana*. Tradução de M. S. Zanotto e V. Maluf. São Paulo: EDUC, 2002.

LITTLEFIELD, H. *Syntax and Acquisition in the Prepositional Domain: Evidence from English for fine-grained syntactic categories*. Dissertação. Boston University, 2006.

MIOTO, Carlos; SILVA, Maria Cristina Figueiredo; LOPES, Ruth Elizabeth Vasconcellos. *Novo Manual de Sintaxe*. Florianópolis: Insular, 3ª ed., 2007.

MÜLLER, Ana Lúcia; NEGRÃO, Esmeralda V.; FOLTRAN, Maria José (Org.). *Semântica formal*. São Paulo: Contexto, 2003.

NEELEMAN, Ad. PP-Complements. *Natural Language and Linguistic Theory*. 15:89-137. 1997.

PARSONS, Terence. *Events in the semantics of English: A study in the subatomic semantics*. Cambridge: MIT Press, 1990.

PINKER, Steven. *Do que é feito o pensamento: a língua como janela para a natureza humana*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

TRAUGOTT, E. C.; KÖNIG, E. The semantics-pragmatics of grammaticalization revisited. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (Ed.). *Approaches to grammaticalization*. Philadelphia: John Benjamins, 1991, v. 1, p. 189-218.

Data de recebimento: 05/11/2014

Data de aprovação: 17/12/2014